

# Para Piore

## a crise é

### de regulagem

A economia não está sendo regulada como devia, existe de fato uma crise de regulagem. E a crise mundial poderá ser superada se as instituições, tal como ocorreu na Depressão ou no Pós-Guerra, reciclarem o processo de controle, superando a defasagem que vivem, hoje, em relação à economia. Esta é, em síntese, a tese de Michael J. Piore, professor de Ciências Econômicas e de Problemas de Tecnologia Contemporânea do Massachusetts Institute of Technology (MIT), exposta durante à tarde, no Seminário JT.

Regular a economia, a nível das instituições, poderá ser até quebrar a estrutura sindical e demitir cerca de 13 mil empregados, como fez dias atrás o presidente Ronald Reagan, durante a greve dos controladores de vôo, embora Piore não esteja suficientemente convencido de que "este seja o caminho certo". No entanto, "não havia ninguém, naquele momento, capaz de tomar tal atitude, mas Reagan tomou, e pode dar certo, pelo menos, parece possível que dê certo", disse depois o professor do MIT, acrescentando ser, esta atitude, pelo menos uma prova de que há mesmo uma crise de regulagem.

Debatedores como Luiz Carlos Bresser Pereira, da Fundação Getúlio Vargas, chegaram a condenar saída encontrada por Reagan. Outros, como Pérsio Arida, da USP, consideraram a noção de instituição, em Piore, um pouco simplista e indefinida.

O professor do MIT parte de uma recente formulação francesa conhecida como "Théorie de la Regulation", estruturada de forma mais abrangente no livro de Michel Aglietta, "Regulação e Crise no Capitalismo". Segundo esta teoria o crescimento natural da economia ultrapassa o âmbito dos mecanismos reguladores existentes e as instituições — responsáveis por estes mecanismos —, tornam-se incapazes de manter o equilíbrio necessário à continuidade do desenvolvimento.

A partir de tal formulação, Michael Piore diz que a situação atual configura uma crise nos sistemas reguladores implantados, na maioria dos países industrializados, após a Segunda Guerra Mundial.

"A crise atual" — diz Piore —, "só pode ser superada por meio da criação de uma nova estrutura institucional, capaz de regular a economia, levando em conta justamente estas alterações sofridas."

Antes de sugerir como seria tal estrutura — e "é possível pensar um modo de regulagem sem necessidade de uma nova ordem econômica mundial", garante o professor —, Piore procurou caracterizar o processo de crescimento capitalista, nas últimas décadas, e a estrutura institucional deste mesmo período, que considera em crise.

Segundo Piore, a economia dependia, antes da instituição da grande empresa — em fins do século XIX —, do sistema de preços, para a coordenação dos mercados específicos e a manutenção do equilíbrio macroeconômico. "Porém, com o seu advento, os mercados passaram a ser controlados, cada vez mais, pelas grandes empresas. Os preços eram por elas estabelecidos, tornando-se instrumentos na estratégia de organização e controle".

Quando ocorria uma recessão, diz, "as grandes empresas preferiam manipular a estrutura do mercado, tentando restaurar a demanda para seus produtos". As empresas menores, mais flexíveis e que ainda tinham seu espaço, procuravam penetrar nos setores que permanecessem fortes. "Em casos extremos, ambas procuravam reduzir seus custos, particularmente os de mão-de-obra".

Mas — continua o professor —, à medida que "as indústrias voltadas para o consumo de massa foram-se organizando em torno das grandes empresas, a tentativa de recuperar os lucros, cortando o volume de salários, passou a provocar uma distorção, reduzindo a demanda da qual dependia, em última análise, a sua própria recuperação".

Tal distorção, explica o professor, acabaria levando à Grande Depressão, que "pode ser interpretada, nesta linha, como a última crise de regulagem fundamental". Tal crise foi superada por meio de uma série de instituições implantadas no período imediatamente posterior à II Guerra Mundial.

Depois, dependente de matéria-prima e de um excesso de mão-de-obra, para a manutenção de um crescente consumo de massa, as principais nações industrializadas "passaram a concorrer diretamente entre si e pelos mercados dos países em desenvolvimento". Este período, segundo revelou, foi caracterizado por um controle rígido dos salários e dos preços, "no ritmo necessário para absorver o aumento de produção gerado pela contínua divisão do trabalho".

Duas alternativas básicas são hoje discutidas, segundo Piore, para superar a crise que então vem-se configurando. A primeira seria reproduzir, em escala internacional, "um sistema análogo aquele que serviu para regular, com êxito, as economias nacionais dos países industrializados, nas décadas do Pós-guerra". A segunda, que parece apoiar, seria a passagem de uma produção em massa para uma produção mais diferenciada, com base em empresas menores, com orientação de curto prazo. As novas tecnologias de computação e microprocessamento parecem favorecer essa forma de produção", explica e conclui: "É, pois, possível pensar um modo de regulagem baseado em tais técnicas, em empresas menores e numa maior diferenciação de produtos, sem necessidade de uma nova ordem econômica internacional".